



A “energia alternativa” mostrou-se capaz de competir bravamente com outras fontes renováveis, como até mesmo, para surpresa ampla geral e irrestrita, capaz de competir com as fontes mais tradicionais e longevas.

POR EDUARDO JOSÉ BERNINI*

“Small is beautiful”

Os episódios de Criminal Minds, série sobre a Unidade de Análise Comportamental do FBI, começam sempre com uma citação, que dá ao telespectador o fio condutor para a lição moral que os episódios buscam apresentar. Esse artigo, que aborda de forma breve e ainda inconclusiva as surpresas do mundo energético brasileiro, após os últimos leilões de energia renovável, também. E não me ocorreu melhor citação inicial do que a peculiar frase de John Maynard Keynes sobre a influência sobre os homens práticos que os economistas mortos acabam por exercer: “As ideias de economistas e filósofos políticos, tanto quando estão certas como quando estão erradas, são mais poderosas do que é usualmente aceito. De fato, o mundo é guiado por um algo a mais. Homens práticos, que acreditam serem eles próprios isentos de qualquer influência intelectual, são usualmente escravos de algum economista morto”.

A perplexidade que mulheres e homens práticos demonstram, quando se veem diante de situações imprevistas, não costuma deixá-los envergonhados; pelo contrário, por serem práticos e não teóricos, conseguem rapidamente absorver as mudanças e fazer da mudança a alavanca que os move, sobretudo quando se trata do mundo dos negócios.

Esta introdução tem apenas a intenção de destacar que a mobilidade tecnológica é um fenômeno que nasce e se desenvolve abaixo



Em duas rodadas a energia eólica mostrou-se capaz de competir com as fontes mais tradicionais e longevas.

da linha da superfície, mas, quando finalmente emergem, geram ondas semelhantes às que submarinos e baleias costumam provocar, com a diferença de que não costumam retornar às profundezas e sim migrar para terra firme, iniciando novos ciclos evolucionistas.

O que está se passando com a energia eólica é exatamente isso. Não faz muito tempo, colegas e companheiros de ofício mostravam-se não somente incrédulos, como principalmente, desdenhavam o potencial eólico como “coisa dos verdes” (e certamente não se referiam à torcida organizada do Palestra Itália). Pois bem, em duas rodadas, não somente a “energia alternativa” mostrou-se capaz de competir bravamente com outras fontes renováveis, como até mesmo, para surpresa ampla geral e irrestrita, capaz de competir com as fontes mais tradicionais e longevas.

Sem tirar o mérito do mecanismo de leilões de contratação de energia de longo prazo, que sem dúvida tem um quinhão da glória conquistada, talvez o fator mais decisivo para os resultados alcançados, em termos práticos, foi a combinação de alguns fatores: a maturidade de inovações tecnológicas incorporada às mais recentes gerações de aerogeradores (aumentando a eficiência), o crescimento da escala mundial de produção dos equipamentos (reduzindo o custo do investimento), e, principalmente, o fato de que “empreendedores” viram algo novo e acreditaram no que viram: enquanto grandes utilities ainda lutam com suas próprias circunstâncias, um pequeno exército de liliputeanos recém chegados à Terra dos Gigantes Energéticos, ousou enfrentar os gigantes, e, sem precisar da funda de David (que no caso também atende pelo nome de “subsídios”), acabou por mudar os paradigmas até então aceitos e não questionados.

É evidente que infelizmente ainda não dá para cantar a epopeia em prosa, somente em versos: um dos fatores diferenciais do caso brasileiro, é o de que os “ventos que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá”; em outras palavras, as medições apontam para



fatores de capacidade estimados para os parques eólicos brasileiros, sobretudo no nordeste, significativamente superiores aos seus equivalentes europeus e norte-americanos, algo que será objeto de muito acompanhamento e aferição nos anos vindouros, sem dúvida. Tudo indica que esta será mais uma jabuticaba brasileira, mas é preciso ter prudência, pois um ponto percentual no fator de capacidade real, para cima ou para baixo, faz uma considerável diferença na taxa de retorno esperada pelos investidores.

O sucesso da combinação entre “empreendedorismo”, “inovação tecnológica” e “sustentabilidade” deveria no mínimo remeter algum reconhecimento a outro economista morto, que por sinal trabalhou com os dois Johns com K (Keynes e Kenneth Galbraith), mas que anda esquecido nesta era das grandes fusões e conglomerações: E.F. Schumacher.

Certamente quando E.F. Schumacher escreveu sua mais conhecida obra (“Small is beautiful – a study of economics as if people mattered”) vivíamos um outro mundo, apesar de nos separarem menos de 40 anos da primeira edição. Mas o seu principal argumento, de que o germe da inovação encontra no pequeno empreendedor o ambiente ideal para se desenvolver, continua válido. Mesmo que depois os “gigantes do ramo” venham a absorver e/ou incorporar os pequenos, quando estes se consolidem, e que alguns “pequenos” se tornem gigantes por sua própria natureza (a Microsoft e a Google que o digam).

Se há uma história de surpresa e sucesso, há outra de apreensão e ansiedade: no mundo liliputiano energético, a prima dos ventos, por ser mais tradicional, talvez menos arrojada, e mais local e menos global, de repente se viu deslocada do centro do baile: o que vai acontecer com as nossas pequetitas pero cumpridoras PCHs?

Na última década, constatamos, com justo entusiasmo, o renascimento de inventários, projetos, o desenvolvimento e a implantação de pequenas centrais hidrelétricas (PCHs), pelas mãos e cabeças de centenas de “empreendedores”, por sinal, muitos dos quais são os mesmos que estão surfando no espaço dos ventos singulares brasileiros. O mundo dos pequenos aproveitamentos foi negligenciado na era de ouro dos grandes projetos hidroelétricos estatais e nasceu, não pelas mãos das grandes operadoras privadas, mas pelo fato de que, com a estabilização do marco regulatório e das regras de mercado, surgiu um nicho que foi devidamente mapeado e que passou a ser explorado por novos atores, muitos sem nenhuma história anterior com o setor de infraestrutura. Uma nova página na história do setor elétrico brasileiro co-

meçou a ser escrita e escrita em letras verdes e sustentáveis posto que renováveis e de baixo impacto ambiental.

Porém, e sempre há um porém nessas histórias, o fato é que a competitividade das PCHs foi desafiada por sua prima mais nova. E o mundo da hidroeletricidade de pequeno porte se vê diante de uma pergunta: conseguirão os engenheiros vencer os paradigmas tecnológicos, tão consagrados e tão tradicionais que quase merecem um título de nobreza “quatrocentão”, criando soluções e inovações, que se transformem em reduções significativas nos custos de investimento e, portanto, permitam às PCHs alcançar um patamar de competitividade compatível com as novas exigências?

Lamento, caros leitores, não poder ainda antecipar esta resposta. Mas sou otimista de que o desafio lançado encontrará uma resposta, da mesma forma como os céticos fora desmentidos pelos ventos. As vantagens ambientais e empresariais do potencial hidrelétrico brasileiro de pequeno porte são por demais evidentes. Mas é preciso reconhecer que a complexidade da solução é ainda maior do que, por exemplo, indicam as perspectivas da próxima estrela a entrar em cena, a energia solar fotovoltaica. As PCHs são constituídas essencialmente por concreto, aço e cobre e se há uma vertente de sucesso a ser explorada esta seguramente se refere à inteligência de gestão, tanto na fase do projeto quanto na execução. Microchips ajudarão, sem dúvida, mas através dos computadores que mentes humanas operarão aplicando criatividade e precisão.

Nada melhor do que terminar este episódio de “Energy Minds”, com duas citações de John Maynard Keynes: “Ideas shape the course of history” (Ideias modelam o curso da história) e “The biggest problem is not to let people accept new ideas, but to let them forget the old ones” (O maior problema não é fazer as pessoas aceitarem novas ideias, mas esquecerem as velhas – ideias e paradigmas...).

Passo a palavra para projetistas, empreiteiras e fabricantes de equipamentos, pois como o nosso personagem do mês (Lorde Keynes) também disse “...se os economistas pudessem ter de si mesmos uma ideia tão humilde, quanto pessoas competentes como os dentistas fazem de si mesmas, seria esplêndido” ■

Eduardo Bernini é Sócio Diretor da Tempo Giusto Consultoria. Economista pela Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo – FEA/USP.